

James Joyce e Ezra Pound, correspondência de 1925 a 1927

Elisa Lima Abrantes¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: James Joyce e Ezra Pound começaram a se corresponder em 1913, com o convite de Pound para publicar o poema *I Hear an Army*, de Joyce, em uma antologia de poemas imagistas que este preparava. A correspondência entre os dois modernistas se estendeu até 1938, e por meio dela é possível compreender, além do contexto histórico da época, questões profissionais e concepções artísticas desses dois autores. Depois de um período de cinco anos de extensa troca de cartas e de influências mútuas, desde o encontro de Joyce e Pound em Sirmione em junho de 1920, mesmo ano em que Joyce se mudou com a família para Paris, e 1925, quando Pound se muda para Rapallo, os dois se distanciam e as suas relações se enfraquecem com as duras críticas de Pound aos primeiros escritos de *Work in Progress*, que viria a ser publicado como *Finnegans Wake* em 1939. Neste artigo, examino as cartas trocadas entre Joyce e Pound no período de 1925 a 1927, mostrando a insatisfação que se estabeleceu entre os autores e as críticas diretas de Pound ao *Work in Progress*. A minha tradução das cartas para a língua portuguesa é apresentada em seguida aos textos originais.

Palavras-chave: correspondência Joyce e Pound, James Joyce, Ezra Pound, tradução.

O poeta estadunidense Ezra Pound foi de fundamental importância para que James Joyce tivesse seus contos e romances publicados. Pound atuou como editor, agente literário, crítico, tradutor, patrocinador, e deve-se também lembrar a influência mútua na escrita desses dois modernistas, que trocaram correspondência durante décadas e foram figuras emblemáticas no contexto do modernismo europeu.

Desde a primeira carta de Pound para Joyce em dezembro de 1913, quando o poeta pediu autorização a Joyce para publicar um poema seu, “*I Hear an Army*” (1907) em sua coletânea de poemas imagistas, até o primeiro encontro dos dois, no Lago de Garda em Sirmione, na Itália, passaram-se sete anos, período em que Pound promoveu a obra joyceana, usou sua influência para que seus textos fossem aceitos para publicação, escreveu resenhas, artigos e ensaios e contribuiu para que o autor irlandês recebesse auxílios financeiros que permitissem a sua dedicação integral à escrita.

No início de julho de 1920, com a ajuda de Pound, Joyce se estabeleceu com a família em Paris, onde Pound morava, e os dois se integraram à efervescência artístico-literária da época. Além de escritores e de outros artistas, Joyce foi apresentado a diversos editores, destacando-se aqui Sylvia Beach, que seria a primeira a publicar *Ulysses* em 1922. Pound usava suas conexões nos círculos literários para promover o artista, cujo talento o encantava.

¹ Professora associada de Literaturas de Língua Inglesa no Departamento de Letras e Comunicação Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pesquisadora afiliada à Cátedra de Estudos Irlandeses William Butler Yeats (USP). Atualmente se dedica a dois projetos: “Estudo da correspondência entre James Joyce e Ezra Pound 1913-1938” e “A representação da história irlandesa em romances de Sebastian Barry”. E-mail: elisa.abrantes2012@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9751-9930>

Ele dedicava grande parte de seu tempo a promover outros artistas, como Joyce e T.S. Eliot, e a publicar ensaios em jornais e revistas literárias; porém, em 1923, o jornalista e editor norte-americano William Bird concordou com a publicação da edição de luxo de parte de seus poemas, *A Draft of XVI Cantos* (1925) e Pound passou a se concentrar na própria obra, publicando muito pouco nos meios literários. Mesmo assim, desde a publicação de *Ulysses*, Pound publicou ensaios em diversas revistas tecendo elogios às inovações e ao inesgotável valor artístico da obra, culminando, em um artigo para a revista alemã *Der Querschnitt*, Berlin, IV, I (Spring 1924) defendendo que Joyce recebesse o prêmio Nobel de literatura pela potência de seu romance.

Joyce, por sua vez, depois de *Ulysses*, já planejava outra obra, que dizia ser ‘a história do mundo.’ Em março de 1923, ele escreveu para sua editora e benfeitora, Senhorita Harriet Shaw Weaver, dizendo que já havia escrito duas páginas, as primeiras depois do ‘sim’ final de *Ulysses*. Naquele mesmo ano, Pound reuniu o advogado e mecenas John Quinn, o editor Ford Madox Ford e Joyce, para que este submetesse seus escritos mais recentes para a publicação na *Transatlantic Review*, revista literária que começaria a ser publicada no início de 1924. Joyce entregou a Pound a seção dos quatro homens idosos, “Mamalujo,” incluindo as passagens de Tristão e Isolda. O texto foi publicado na segunda edição da revista, em abril de 1924, no suplemento literário, como parte do *Work in Progress*, que viria a ser o *Finnegans Wake* (1939), de Joyce

Em 1925, Pound se estabeleceu permanentemente em Rapallo, na Itália, e continuou a escrever os seus *Cantos*, enquanto Joyce, que permaneceria em Paris até 1939, trabalhava na sua ‘história do mundo.’ No mesmo ano de 1925, textos de Joyce e de Pound são publicados na obra *Contact Collection of Contemporary Writers*, de Robert McAlmon. Ali figuram as linhas 1 a 60 do “Canto XX” de Pound e as primeiras páginas da seção que trata das origens do nome de Humphrey Chimpsey Earwicker, (HCE) no *Work in Progress* de Joyce.

Neste artigo, pretendo demonstrar, por meio de uma seleção de dez cartas breves trocadas entre Pound e Joyce no período de 1925 a 1927, indícios de algumas tensões que possivelmente contribuíram para o enfraquecimento do relacionamento entre os escritores, e para o processo gradual de distanciamento que se estabeleceu durante a escrita de *Finnegans Wake* (1922-1939). As cartas aqui reproduzidas foram retiradas dos três volumes de cartas de Joyce, editadas por Stuart Gilbert (Vol. 1, 1957) e Richard Ellmann (Vol II e III, 1966), da biografia de Joyce (Ellmann, 1959), do site de acesso livre jamesjoyce-correspondence.org e das cartas de Pound 1907-1941 (Paige, 1951). As minhas versões traduzidas incluem-se após cada original.

A carta, segundo Foucault, “constitui uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros [...] é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. [...] Trata-se de “uma abertura de si que se dá ao outro” e que permite a constituição de uma “narrativa de si.” (2006, p.149-152). É esta narrativa que buscamos ao fazer uma leitura com um olhar exterior, que certamente reinterpretemos e intuimos certa narrativa, quase um século depois, e que se inspira no que Haroche-Bouzinac (2016) entende como um olhar de leitor, realizado no contínuo de uma série de cartas trocadas, que faz com que “os epistológrafos se tornem personagens de uma ficção verdadeira” (p. 15).

Esta ‘narrativa’ aqui apresentada tem início em 1925, quando o poeta estadunidense expatriado Ernest Walsh, que editava uma nova revista literária, *This Quarter*, pediu a Joyce que escrevesse um pequeno texto para o primeiro número, que homenagearia Ezra Pound. Joyce escreveu um texto agradecendo toda a ajuda que recebera de Pound, sem mencionar a grandeza artística do homenageado, como podemos observar na primeira carta da série aqui selecionada para este artigo.

13 March 1925

8 Avenue Charles Floquet, Paris, France

Dear Mr. Walsh:

I am glad to hear that the first number of your review will shortly appear. It was a very good thought of yours dedicating this number to Mr. Ezra Pound and I am very happy indeed that you allow me to add my acknowledgement of thanks to him to the others you are publishing. I owe a great deal to his friendly help, encouragement and generous interest in everything that I have written, as you know there are many others who are under a similar debt of gratitude to him. He helped me in every possible way in the face of very great difficulties for seven years before I met him, and since then he has always been ready to give me advice and appreciation which I esteem very highly as coming from a mind of such brilliance and discernment.²

I hope that your review, setting out under so good a name will have the success which it deserves

Sincerely yours,

James Joyce

² Ellmann, Richard. (Ed.). *Letters of James Joyce*. Volume III. Londres: Faber & Faber, 1966

13 de março de 1925

Avenida Charles Floquet, 8. Paris, França

Prezado Sr. Walsh:

Fico feliz em saber que o primeiro número da sua revista será publicado em breve. Foi uma ótima ideia dedicar este número ao Sr. Ezra Pound, e fico de fato muito feliz que tenha permitido incluir o meu agradecimento a ele junto aos outros que serão publicados. Devo muito à ajuda afetuosa, encorajamento e interesse generoso dele por tudo o que escrevi, e, como sabes, há vários outros que lhe têm uma dívida semelhante de gratidão. Ele me ajudou, por sete anos antes de conhecê-lo, de todas as formas possíveis, diante de enormes dificuldades, e, desde então, sempre esteve pronto a me oferecer conselhos e apreço, o que eu estimo muito, vindo de uma mente brilhante e perspicaz.

Espero que a sua revista, apresentada sob tão ilustre nome, tenha o sucesso que merece.

Atenciosamente,

James Joyce

Pouco depois, Walsh pediu a Joyce para publicar o capítulo “Shen”, do *Work in Progress* no número seguinte da revista, e sugeriu que Pound fizesse a revisão dos originais. Apesar dessa recomendação, Joyce escreveu a Pound, em 23 de agosto de 1925, dizendo que preferiria ele mesmo revisar as provas tipográficas. Tal atitude, possivelmente, desagradou o destinatário, uma vez que Joyce, segundo ele mesmo comenta em carta a Srta. Weaver, não recebeu uma resposta, e a obteve publicamente, a partir de uma carta de Pound dirigida ao editor do jornal *Chicago Tribune*, edição Paris, publicada em setembro daquele ano. Examinemos então a carta de Joyce a Pound:

Régina Palace Hotel & d'Angleterre, Arcachon

Dear Pound: I am sorry to trouble you but if you are assistant-editor of This Quarter as I understand could you ask the Italian printer to set up my piece before the rest of the review. I have very little time as I have to go back to Paris to undergo another operation. This suspense makes me nervous and **I want a few weeks' complete rest after I have corrected the proofs.** These should be sent to Miss Beach, registered, as soon as possible. The text is difficult too, especially for a foreign printer. I wrote to Mr Walsh who said he would arrange it if he could but he is not on the spot. This is my excuse for troubling you.

I hope Mrs Pound and yourself are well. We have a flat of our own in Paris: 2 Square Robiac, 192 rue de Grenelle and if I had my sight all would be well enough. It is very trying on one's nerves.

This is a splendid place here but unfortunately we are caught in a rainy spell.

sincerely yours³

James Joyce - 23.8.925

Caro Pound: Lamento incomodá-lo, mas sendo você editor-assistente da *This Quarter*, como eu suponho, poderia pedir ao tipógrafo italiano para diagramar o meu texto antes do resto da revista. Tenho muito pouco tempo, pois tenho que voltar a Paris a fim de me submeter a outra operação. Esse suspense me deixa nervoso e **quero algumas semanas de completo descanso depois de ter corrigido as provas**. Estas devem ser enviadas à Sra. Beach, por correspondência registrada, o mais rápido possível. O texto também é difícil, especialmente para uma gráfica estrangeira. Escrevi ao Sr. Walsh, que disse que o organizaria se pudesse, mas não está no local. Esta é a minha desculpa para lhe incomodar.

Espero que a Sra. Pound e você estejam bem. Agora temos um apartamento nosso em Paris: 2 Square Robiac, 192 rue de Grenelle, e se eu estivesse enxergando bem, tudo estaria bem o suficiente. Esta situação é muito difícil para os nervos.

Aqui é um lugar esplêndido, mas infelizmente pegamos um período chuvoso.

Sinceramente seu,

James Joyce

23.8.925

E a carta de Pound ao editor do jornal *The Chicago Tribune*, edição Paris, publicada em 3 de setembro de 1925:

From Mr. Pound

To the Editor of the Tribune.

Sir: May I avail myself of your sometimes hospitable letter column to state that I have no editorial connection with any current periodical, and that I am not a receiving station for manuscript, typescript, drawings, photographs or other paraphernalia, accompanied or unaccompanied by return postage (French, Guatemalian, or Etats Unisien).

EZRA POUND

³ jamesjoycecorrespondence.org

Rapallo, via Marsala, 12 int. 5⁴

Do Sr. Pound

Ao Editor do Tribune.

Senhor: Permita-me que me valha de sua coluna de cartas, por vezes hospitaleira, para afirmar que não tenho ligação editorial com nenhum periódico atual, e que não sou uma estação receptora de manuscritos, matérias datilografadas, desenhos, fotografias ou outra parafernália, acompanhados ou desacompanhados de postagem de retorno (Franceses, Guatemaltecos ou Estados Unidenses⁵).

EZRA POUND

Rapallo, via Marsala, 12 int. 5

No começo de junho de 1926, trabalhando no *Work in Progress*, Joyce enviou uma cópia dos fragmentos de “Shaun, o carteiro,” para Miss Weaver, e em novembro do mesmo ano, para Pound. A resposta do poeta foi desanimadora; Pound criticou o trabalho e não se mostrou disposto a ajudá-lo na publicação.

Rapallo, 15 November

Dear Jim:

Ms. arrived this A.M. All I can do is to wish you every possible success. I will have another go at it, but up to present I make nothing of it whatever. Nothing so far as I make out, nothing short of divine vision or a new cure for the clapp can possibly be worth all the circumambient peripherization.

Doubtless there are patient souls, who will wade through anything for the sake of the possible joke but . . . having no inkling whether the purpose of the author is to amuse or to instruct in somma. . . .

Up to the present I have found diversion in the Tristan and Iseult paragraphs that you

⁴ Read, Forrest. *Pound/Joyce. The Letters of Ezra Pound to James Joyce, with Pound's Essays on Joyce*. Nova York: New Directions Book, p. 224.

⁵ Aqui, na tradução, optou-se por utilizar elementos da grafia da carta original, em que Pound utiliza letras maiúsculas, sem hífen e com uma sílaba a mais na segunda palavra, ou seja, *Etats Unisien*, e não *étatsunien* ou *états-unien*, como no francês padrão.

read years ago . . . mais apart ça . . . And in any case I don't see what which has to do with where... undsoweiter.

Yrs ever⁶

E P

Caro Jim:

Orig. chegou esta manhã. Tudo o que posso fazer é desejar-lhe todo o sucesso possível. Vou dar outra olhada, mas até agora não posso fazer coisa alguma com ele. Nada até onde eu possa interpretar, nada menos que uma visão divina ou uma nova cura para a gonorreia pode valer toda a periferização circundante.

Sem dúvida, há almas pacientes, que vão avançar a despeito de qualquer dificuldade [na leitura] em prol da possível piada, mas... não tendo noção se o objetivo do autor é divertir ou instruir... em *summa*⁷. . .

Até agora, encontrei desvios nos parágrafos de Tristão e Isolda que você leu anos atrás... mas, fora isso. . . E de qualquer forma não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra... e assim por diante.

Sempre seu

EP

A seguir, apresentamos uma outra troca de correspondências, naqueles mesmos dias de novembro. Desta vez, Joyce busca aconselhar-se com Pound. As cartas foram escritas em 1926, mas a situação que gerou a comunicação entre os dois teve início para Joyce no ano anterior.

Em setembro de 1925, o editor nova-iorquino Samuel Roth havia começado a publicar alguns fragmentos do *Work in Progress* disponíveis na Europa, na revista *Two Worlds*. O editor pagou \$200 a Joyce e prometeu mais, o que não aconteceu. (Ellmann, 1982, p.635). Em julho de 1926, sem autorização, Roth começou a publicar fragmentos de *Ulysses* em outra revista sua, *Two World Monthly*. Ele reimprimiu toda a *Telemaquia* (os três primeiros episódios da obra, “Telêmaco”, “Nestor” e “Proteus”) e dedicou o volume a James Joyce. Cabe ressaltar, que pela lei estadunidense, tal reimpressão não era

⁶ D.D. Paige (Ed). *The Letters of Ezra Pound 1907-1941*. Londres: Faber & Faber, 1951, p. 276.

⁷ A palavra italiana *somma*, utilizada no original foi traduzida pela palavra latina *summa*, mais facilmente identificável pelo leitor brasileiro (em suma).

considerada ilegal, já que o livro não havia sido publicado nos Estados Unidos. Indignado com a pirataria, e sem conseguir que o seu caso fosse acolhido pelo advogado que conhecia, Joyce escreveu a Pound pedindo conselhos, em novembro de 1926, conforme carta a seguir.

2, Square Robiac
192, rue de Grenelle
Paris

Dear Pound: Can you give me the address of a trustworthy lawyer in New York? We cabled to Paul Kiefer who has taken over John Quinn's practice as Mrs Foster told me he was a great admirer of mine. He cabled back declining to take up the case. I had absolutely no negotiations whatever with Roth about *Ulysses*. He is pirating it, bowdlerizing it and vilifying me at the same time as enriching himself. His monthly sales already in August amounted to one million francs. If he completes his plan, he will collect about 20,000,000 francs out of my work which he has mutilated and probably bring my sales in Paris to a standstill.⁸

sincerely yours

James Joyce

16/xi/926

2, Square Robiac
192, rue de Grenelle
Paris

Caro Pound: Você pode me passar o endereço de um advogado de confiança em Nova York? Passamos um telegrama para o Paul Kiefer, que assumiu o escritório do John Quinn, pois a Sra. Foster me disse que ele era um grande admirador meu. Ele nos telegrafou de volta, declinando de assumir o caso. Eu não fiz negociação de qualquer tipo com Roth sobre o *Ulysses*. Ele o está pirateando, removendo partes do texto e me vilipendiando, enquanto enriquece. Suas vendas mensais em agosto já somaram um milhão de francos. Se ele completar o seu plano, vai arrecadar cerca de 20.000.000 de francos com o meu trabalho, que ele mutilou e provavelmente vai paralisar minhas vendas em Paris.

⁸ jamesjoycecorrespondence

sinceramente seu,
James Joyce
16/XI/926

Em resposta, Pound escreve à Joyce em 19 de novembro de 1926:

Rapallo, 19 November

Cher J.: Sorry, I dunno no lawyer. I cabled my father to start proceedings against Roth last winter; but he didn't as he found it wd. be expensive. However, I did succeed in getting my name off the cover. (In return for which recd. several obscene and abusive missives from the impeccable Roth.)

You are in worse shape than I was as you have taken money from him ... and you have known for some time he was a crook. All I can suggest is that you write to as many papers as possible, denouncing Roth, and stating that text is garbled and unauthorized. There is no known way of getting at R. as he has only 'desk room', i.e. comes in now and again to get his mail in an office containing forty other desks (probably of various flavours and integrities).

I mean if you go to law you have nothing to get damages FROM.

Are you in communication with Collins?? If so, can you get any information from him about the art collector, Barnes. Don't say it is for me.

Re your own affair: certainly write (typed letter; they won't read your script) and SIGN your letter to N.Y. *Post*. That is your best way of annoying R.

Also you better stir up Jane Heap. It is to interest of *Little Review* as well as yours to stop Roth. I have no friends in America. I don't know whether McAlmon is in N.Y.; you can organize a gang of gunmen to scare Roth out of his pants. I don't imagine anything but physical terror works in a case of this sorts (with a strong pull of avarice, bidding him to be BOLD).

He had nothing to make out of me, so consented to remove my name from his title page, after I had written to various offices protesting against his use of my name in his ad. That however was not fear of the law, he merely saw he had more to lose by having me on the war path than to gain by having my name on his sheet.

The man is quite clever, he has more interest in the matter than your lawyer wd. have.

Your only weapon is firmly abusive campaign in the press.

Also you can write to Roth, threatening action. You will get a good deal of impertinence in reply but still...

You can also state in your letters to press that *Parts of Ulysses that were printed before suppression are copyright*, and that you are proceeding against Roth. (That may make his subscribers nervous about receiving future numbers.)

However, you have a skunk to deal with and the perfume will possibly fly⁹.

Rapallo, 19 de novembro

Cher J.¹⁰., desculpe, mas não conheço advogado nenhum¹¹. Telegrafei para o meu pai entrar com um processo contra o Roth no inverno passado; mas ele não fez isso, porque achou caro. No entanto, consegui tirar o meu nome da capa. (Em troca do que rec. várias missivas obscenas e abusivas do exemplar Roth.)

Você está em situação pior do que a minha, porque recebeu dinheiro dele... e você já sabia há algum tempo que ele era um trapaceiro. Tudo o que posso sugerir é que você escreva para o maior número possível de jornais denunciando Roth e afirmando que o texto é adulterado e não autorizado. Não há maneira de se chegar ao R., pois ele tem apenas uma “mesa de trabalho”, ou seja, entra de vez em quando em um escritório com quarenta outras mesas (provavelmente de diferentes gostos e integridades morais), para recolher a correspondência dele.

Quer dizer, se você for para a Justiça não terá como receber indenizações DE ALGUÉM.

Você tem contato com o Collins? Se tiver, você poderia obter informações com ele sobre o Barnes, colecionador de arte? Não diga que é para mim.

Re ao seu caso: com certeza, escreva (carta digitada; eles não lerão sua letra manuscrita) e ASSINE sua carta para o *N.Y. Post*. Essa é a melhor forma de irritar o R.

Além disso, é melhor alertar Jane Heap. É do interesse da *Little Review*, bem como do seu, parar o Roth. Não tenho amigos na América. Não sei se McAlmon está em Nova York; você pode juntar uma gangue de pistoleiros para dar um baita susto no Roth. Não imagino nada que funcione, a não ser o terror físico, num caso desses (movido pela avareza, o que o obriga a ser OUSADO).

Ele não tinha nada a tirar de mim, então consentiu em remover meu nome da pri-

⁹ D.D. Paige (Ed). *The Letters of Ezra Pound 1907-1941*. Londres: Faber & Faber, 1951, p. 277-278.

¹⁰ Optou-se por manter a saudação *Cher* em francês, como no original escrito em língua inglesa.

¹¹ Aqui optou-se por manter a forma coloquial, e incorreta, com duas palavras negativas, “não conheço advogado nenhum” como no original “I dunno no lawyer”.

meira página [de sua revista], depois que eu escrevi para vários escritórios protestando contra o uso de meu nome em seu anúncio. Isso, no entanto, não foi por medo da lei; ele apenas viu que tinha mais a perder entrando em guerra comigo, do que a ganhar por ter meu nome na sua revista.

O homem é muito inteligente, tem mais interesse no assunto do que o seu advogado pod. ter.

Sua única arma é uma campanha bastante ofensiva na imprensa.

Você também pode escrever para Roth, ameaçando agir. Você receberá uma boa dose de impertinência na resposta, mas ainda assim...

Você também pode declarar em suas cartas à imprensa que *partes de Ulysses impressas antes das adulterações estão protegidas por direitos autorais*, e que você está processando Roth. (Isso pode deixar os assinantes da revista preocupados em receber os futuros números.)

No entanto, você tem um gambá para lidar e o perfume possivelmente vai se espalhar.

Compartilhando da indignação de Joyce com a pirataria, a editora Sylvia Beach, que havia publicado *Ulysses* em 1922 pela sua editora Shakespeare & Company, saiu em defesa do autor, e organizou, junto com Joyce, um protesto internacional pedindo o apoio de diversos escritores. O protesto contou com cento e sessenta e sete assinaturas, dentre elas as de Virginia Woolf, Ernest Hemingway, W.B. Yeats, e até mesmo de Albert Einstein. A manifestação foi enviada, em 1927, para mais de noventa editoras nos Estados Unidos, além de publicada na revista *Transition*, e Roth logo tornou-se um pária no mercado editorial, mas o editor continuou a publicar os episódios até o décimo-quarto, “Gado ao Sol,” em outubro de 1927, quando foi proibido de fazê-lo pela justiça.

Pound não assinou o protesto por entendê-lo equivocado. Para ele, eram as regras estadunidenses de direitos autorais que eram falhas, e não o editor. O poeta escreve uma breve carta para Joyce no natal de 1926, e inclui uma nota que ele diz poder ser usada como um pós-escrito no protesto. Examinemos a carta e a nota:

Rapallo, 25 December

Dear Jim: I answered S[ylvia] B[each]'s letter explaining why I do not care to sign your protest. I.e. I consider it a miss-fire, that omits the essential point and drags in an irrelevancy.

I am glad SOME use has at last been found for Claudel.

I enclose a note that you can use as p.s. to the general protest.

Merry Xmas and greetings to the family.¹²

Rapallo, 25 December

Caro Jim: Respondi à carta de S[ylvia] B[each] explicando por que não me preocupei em assinar o seu protesto. Ou seja, eu o considero um fracasso, pois omite um ponto essencial e acaba caindo numa irrelevância.

Fico feliz que ALGUM uso tenha sido finalmente encontrado para Claudel.

Anexo uma nota que você pode usar como p.s. ao texto do protesto.

Feliz Natal e saudações à família.

Rapallo, 25 December

My Dear Joyce: My only reason for not signing your protest is that I consider it misdirected. To my mind the fault lies not with Mr. Roth, who is, after all, giving his public a number of interesting items that they would not otherwise get; but with the infamous state of the American law which not only tolerates robbery, but encourages unscrupulous adventures to rob authors living outside the American borders, and with the whole American people which sanction the state of the laws. The minor peccadillo of Mr. Roth is dwarfed by the major infamy of the law.

You are perfectly at liberty to publish this statement or to make any use of it you think fit. Parts of *Ulysses* are protected, as they appeared in an American periodical, were copyright, and were not suppressed. I understand that Roth reprinted these parts, in which case he is liable to due penalty.¹³

Rapallo, 25 December

Meu querido Joyce: Minha única razão para não assinar o seu protesto é que eu o considero equivocado. A meu ver, a culpa não é do Sr. Roth, que está, afinal, oferecendo ao seu público uma série de itens interessantes a que de outra forma não teriam acesso; mas da infame lei americana, que não só tolera o roubo, como incentiva aventuras inescrupulosas para roubar autores que vivem fora das fronteiras americanas, e de todo o povo americano que

¹² D.D. Paige (Ed). *The Letters of Ezra Pound 1907-1941*. Londres: Faber & Faber, 1951, p. 280.

¹³ idem

sanciona essas leis. O pecadilho menor do Sr. Roth é ofuscado pela infâmia maior da lei.

Você tem total liberdade para publicar esta declaração ou fazer dela qualquer uso que ache adequado. Alguns fragmentos de *Ulysses* estão protegidos por direitos editoriais, pois foram publicados em um periódico americano sem supressões. Entendo que Roth reimprimiu esses fragmentos, e neste caso, ele está sujeito à devida penalidade.

Além de não assinar o protesto em apoio a Joyce, Pound não aceitou publicar os capítulos de Shaun na revista *The Exile*, da qual era editor. A carta de Pound, datada de 2 de janeiro de 1927 mostra essa decisão. Naquele momento, Joyce estava sem editor para publicar o que escrevia, já que somente a partir de abril de 1927 fragmentos do *Work in Progress* começaram a ser publicados regularmente por Eugene Jolas na revista *Transition*. Observemos a carta de Pound:

Rapallo, 2 January

Dear J.: First number of my new periodical designed to deal with various matters not adequately handled elsewhere has gone to press. I don't see that it can be much direct and immediate use to you. It comes out 3 times a year, so that serialization is out of the question.

I think, and always have thought, that the "sample of woik in prog" stunt was bad. The transat. did it because there simply wasn't enough copy to fill the so large review.

If I had an encyclopedicly large monthly, the kwestion wd. be different. Present view is that your daruk pool shd. be sold whole on *Ulysses* and that further distribution of bits wd. do final sales more harrum than good. However, I may be wrong. The law-court bit, livens up.

Wot I nevurtheles suggest re the oncoming review is that it will do no harm to have it circulate freely to such as will pay for it. There are plenty of seguidores after the act; but it can do no harm to establish a means of communication that in case of emergency will not have to stop, to hem, to haw, to whit, to whom, etc.

Notice of forthcoming novels, romans, etc., can be conveyed and at any rate, the air of ambiguity so... shall we say... widely ambient... etc....¹⁴

Rapallo, 2 January

Caro J.: O primeiro número do meu novo periódico, destinado a tratar de vários assuntos não tratados adequadamente em outros periódicos, foi para a gráfica. Não acho que ele possa ser muito útil para você direta e imediatamente. Ele é publicado 3 vezes ao ano, de

¹⁴ Idem, p. 281

modo que a serialização está fora de questão.

Eu acho, e sempre achei, que a montagem da “amostra do trabalho em andamento” era ruim. O *transat*. [Transatlantic Review] fez isso porque simplesmente não havia manuscritos suficientes para preencher uma revista tão extensa. Se eu tivesse uma mensal, grande e enciclopédica, a questão¹⁵ seria diferente. O que vejo agora é que a sua poça escura deve ser vendida por inteiro no *Ulysses* e que distribuir fragmentos dela mais adiante traria mais danos¹⁶ do que benefícios nas vendas finais. No entanto, posso estar enganado.

Em relação ao caso do tribunal, anime-se.

O que eu sugiro, todavia, re à publicação iminente, é que não fará mal fazê-la circular livremente para aqueles que irão pagar por ela. Haverá muitos seguidores depois, mas não fará mal criar um meio de comunicação que, em caso de emergência, não se terá de parar, fechar, fazer muxoxo, para o que, para quem, etc.

Romances e novelas vindouros etc., podem ser anunciados e seja como for, com o ar de ambiguidade assim... digamos assim... amplamente circundante... etc...

Joyce, possivelmente aborrecido com as críticas de Pound, escreve à Senhorita Weaver, em carta de fevereiro de 1927, contando a ela que o poeta se recusava até mesmo a republicar alguns de seus poemas. A seguir, apresento o fragmento da carta enviada por Joyce em 18 de fevereiro de 1927.

[...] Some time ago Mrs Symons asked me (from her husband) if I had not written any verse since *Chamber Music* and if it would collect. I said it would make a book half as big but I did not trust my opinion of it as I rarely thought of verse.

There are about fifteen pieces in all, I think, and I suppose someone someday will collect them. I mentioned this to Pound and asked could I show him, say, two. I left them at his hotel. A few days after I met him and he handed me back the envelope but said nothing. I asked him what he thought of them and he said: They belong in the bible or the family album with the portraits. I asked: You don't think they are worth reprinting at any time? He said: No, I don't.

Accordingly, I did not write to Mrs. Simons¹⁷ [...]

¹⁵ Na versão traduzida optou-se por manter o ‘kw’ no início da palavra, como no original (kwestion).

¹⁶ Na versão traduzida optou-se por grafar ‘danhos’ com a repetição do ‘n’ para assemelhar-se a grafia de ‘harm’ como ‘harrum’ no original.

¹⁷ Ellmann, Richard. *James Joyce*. Oxford: Oxford University Press, 1959, p. 603.

[...] Há algum tempo, a Sra Symons me perguntou (a pedido do marido) se eu não havia escrito algum verso desde *Chamber Music* [*Música de Câmara*] e se iria coligi-los. Eu disse [a ela] que isso daria um livro com metade do tamanho [do *Chamber Music*], mas não confiei na minha opinião, pois raramente pensava nos meus versos.

Há cerca de quinze poemas ao todo, eu acho, e suponho que alguém um dia irá coligi-los. Mencionei isto ao Pound e perguntei se eu poderia mostrar a ele, digamos, dois. Deixei-os no hotel dele. Alguns dias depois eu o encontrei e ele me devolveu o envelope, mas não disse nada. Perguntei a ele o que achava dos poemas e ele disse: Eles pertencem à bíblia ou ao álbum de família, junto com os retratos. Eu perguntei: Você não acha que vale a pena reimprimi-los em algum momento? Ele disse: Não, eu não acho. Assim, não escrevi à Sra. Simons. [...]

Para concluir esta exposição de indícios de um certo mal-estar entre os dois escritores, finalizo com um comentário de Joyce, em carta à Senhorita Weaver, já em 2 de dezembro de 1928, portanto, após o período de troca de correspondência entre Joyce e Pound aqui examinado, no qual Joyce demonstra sua divergência e sentimento de não pertencer ao círculo social de Pound, no que diz respeito às suas concepções políticas, filosóficas e éticas. Verifiquemos o fragmento:

[...]the more I hear of the political, philosophical, ethical zeal and labours of the brilliant members of Pound's big brass band the more I wonder why I was ever let into it 'with my magic flute' [...]¹⁸

[...] quanto mais ouço falar do zelo político, filosófico, ético e dos trabalhos dos brilhantes membros da grande banda de metais de Pound, mais me pergunto por que fui deixado entrar nela 'com minha flauta mágica' [...]

Apesar das divergências em relação à escrita e à política, Joyce e Pound continuaram a se corresponder até 1938, e a análise da troca de correspondência entre os dois nos permite entrever aspectos dessa aliança profissional e pessoal de dois dos mais emblemáticos nomes do Modernismo no Ocidente.

¹⁸ Gilbert, Stuart. *Letters of James Joyce*. Londres: Faber & Faber, 1957, p. 275.

REFERÊNCIAS

- ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Oxford: Oxford University Press, 1959.
- ELLMANN, Richard. *Letters of James Joyce. Vol II*. Londres: Faber & Faber, 1966.
- ELLMANN, Richard. *Letters of James Joyce. Vol III*. Londres: Faber & Faber, 1966.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Veja, 1992, p.129-160.
- GILBERT, Stuart. (Ed). *Letters of James Joyce*. Londres: Faber & Faber, 1957.
- HAROCHE-BOUZINAC. *Escritas Epistolares*. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.
- JAMES JOYCE'S CORRESPONDENCE. Disponível em jamesjoycecorrespondence.org . Acesso em 01 de jul. de 2023.
- PAIGE, D.D. (Ed). *The Letters of Ezra Pound 1907-1941*. Londres: Faber & Faber, 1951.
- READ, Forrest. *Pound/Joyce. The Letters of Ezra Pound to James Joyce, with Pound's Essays on Joyce*. Nova York: New Directions Book, 1970.